



A promoção do diálogo intercultural em aulas de espanhol através de uma unidade didática temática sobre migrações

Doris Cristina Vicente da Silva Matos[i]

Eixo temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

Resumo:

Nesta comunicação, apresento um recorte de parte do corpus de minha Tese de Doutorado, desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, na qual, dentre outras questões, investiguei se os professores de língua espanhola são capazes de produzir materiais que promovam o diálogo intercultural no contexto sociocultural brasileiro. Esta pesquisa insere-se na área de Linguística Aplicada e os resultados alcançados apontam que o confronto com o outro a partir de nossas experiências pode e deve fomentar a abertura à diversidade, ocasionando o diálogo intercultural, a partir do entendimento das diferenças e semelhanças existentes.

Palavras-chaves: Formação de Professores. Materiais Didáticos. Espanhol.

Resumen:

En este trabajo presento un análisis de parte del corpus de mi tesis de Doctorado, desarrollada en la Universidade Federal da Bahia, en la cual, además de otras cuestiones, investigué si el profesorado de lengua española es capaz de producir materiales que promuevan el diálogo intercultural en el contexto sociocultural brasileño. Esta investigación se insiere en el área de la Linguística Aplicada y los resultados apuntan que el confronto con el otro a partir de nuestras experiencias puede y debe fomentar la apertura a la diversidad, ocasionando el diálogo intercultural, a partir del entendimiento de las diferencias y similitudes existentes.

Palabras Clave: Formación del profesorado. Materiales Didáticos. Español.

Considerações iniciais

Na sociedade em que vivemos há a necessidade de formação crítica dos professores para que eles estejam atentos às exigências do mundo contemporâneo, por isso é urgente refletir sobre os caminhos que esta formação deve seguir. Os currículos dos Cursos de Letras necessitam englobar conhecimentos que permitam ao futuro professor ser capaz de planejar suas aulas com autonomia e em conformidade com as atuais propostas de abordagem para o ensino de línguas. Entre estas abordagens defendo o trabalho a partir de uma perspectiva intercultural, tanto em sua execução nas escolas como na formação dos professores nos Cursos de Letras.

Sobre esta formação, no tocante às questões culturais, as práticas pedagógicas e muitos dos materiais didáticos utilizados em sala de aula ainda reproduzem visões reducionistas e preconceituosas da noção de cultura. Silva (2008, p. 178) menciona o fato de que o professor está “fadado a usar um livro imperfeito”, sendo tarefa dele preencher as lacunas e corrigir suas deficiências. Por isso, faz-se necessário reformular as bases teóricas que sustentam nosso trabalho e construir novos conceitos e novas abordagens de se ensinar e aprender línguas estrangeiras privilegiando a diversidade cultural e a realidade de nossos alunos.

Nesta comunicação, apresento um recorte de parte do corpus de minha Tese de Doutorado, desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, na qual, dentre outras questões, investiguei se os professores de língua espanhola são capazes de produzir materiais que promovam o diálogo intercultural no contexto sociocultural brasileiro. Esta pesquisa insere-se na área de Linguística Aplicada e os resultados alcançados apontam que o confronto com o outro a partir de nossas experiências pode e deve fomentar a abertura à diversidade, ocasionando o diálogo intercultural, a partir do entendimento das diferenças e semelhanças existentes.

Interculturalidade em sociedades multiculturais

O conceito de cultura vem se modificando ao longo do tempo e ao pensar esta questão na formação de professores de línguas não podemos deixar de observar como estes aspectos são tratados em sua formação inicial, pois sua prática docente será reflexo de sua formação acadêmica e suas crenças^[1]. Como formadora de professores de língua espanhola vejo que ainda é comum encontrar professores que encaram a cultura com reducionismo e ao planejar suas aulas não conseguem perceber que língua e cultura estão totalmente relacionadas e não podem ser vistas separadamente, pois a língua é reflexo da cultura e forma parte dela.

Antes de definir temas de interesse relacionados às temáticas culturais é preciso que o professor tenha definido o que é cultura para ele e, a depender do conceito que tenha, poderá incorrer na propagação de estereótipos da cultura do outro, limitando-se a tratar de aspectos exóticos e/ou festivos em sala de aula. Seu planejamento e os materiais utilizados devem refletir toda a complexidade deste termo, ajudando aos alunos a descobrir e entender-se perante o outro. Berwig (2004) faz críticas a esta maneira de encarar a cultura, a qual ela chama de ilustrada ou enciclopédica e aponta que muitos professores também tratam a cultura como erudição, trabalhando este conceito de forma intuitiva, sem bases científicas. Lamentavelmente, esta equivocada concepção ainda está muito atrelada ao ensino de línguas estrangeiras.

Aprender uma língua estrangeira é uma oportunidade de crescimento, de conhecer uma outra cultura, de se conhecer através do diferente. Segundo Paraquett (2009) quando nos conhecemos e reconhecemos no discurso do outro podemos realizar mudanças que permitam formar parte do coletivo que em princípio é global. A sala de aula de língua estrangeira deve ser encarada como o espaço de encontro com outras culturas, e é a partir deste encontro que podemos nos conhecer melhor, a partir da diversidade cultural.

As mudanças impressas à sociedade, geradas principalmente pelo processo de globalização, acarretaram o surgimento da perspectiva multicultural/ intercultural na educação e embora muitas vezes ambos os vocábulos (multicultural e intercultural) sejam utilizados indistintamente, há diferenças significativas entre os dois. Faz parte deste processo de globalização a redefinição de territórios com consequente ressurgimento de movimentos migratórios pelo mundo e também, de conflitos de origem étnico-cultural. Nos Estados Unidos, o termo educação multicultural e na Europa, o termo educação intercultural nasce da necessidade de superar as dificuldades dos alunos imigrantes ou filhos de imigrantes nas escolas. As migrações sempre ocorreram no mundo, e as sociedades multiculturais não são um fenômeno novo (GARCÍA MARTINÉZ et alii, 2007; HALL, 2003), mas passa a ser uma necessidade do nosso tempo refletir sobre questões relacionadas à convivência entre culturas e as dificuldades enfrentadas por esta parcela cada vez maior da sociedade contemporânea.

Embora ambos os termos tenham surgido a partir da realidade da imigração e exista uma grande relação entre eles, são fenômenos diferentes, já que “a imigração abarca mais coisas que a interculturalidade, e esta tem a ver com mais coisas que a imigração” (AGUILERA REIJA et alii, 2009). Dessa maneira, o que proponho aqui é a conscientização sobre o pluralismo cultural que vivemos em nossa sociedade de maneira ampla,

abarcando questões linguísticas, de gênero, de religião, de sexualidade, de ideologias, etc. Para Hall (2003, p. 50) o termo multicultural é, por definição, plural, marcado pela heterogeneidade cultural, e se distingue da definição de Estado-nação, no sentido proposto por GOLDGERG (1996, apud HALL, 2003, p. 50), como espaço de homogeneidade cultural, organizado em torno de valores universais, seculares e individualistas liberais.

Em uma sociedade multicultural e diversa, como a maioria das sociedades da atualidade, existem e existirão conflitos entre pessoas e entre grupos culturalmente distintos e muitos desses conflitos são de caráter cultural, mas também são de caráter econômico, político e social, até mesmo entre as pessoas que formam parte de um mesmo grupo sociocultural. Embora muitas vezes a mídia e os detentores do poder tentem passar uma ideia de sociedade homogênea e igualitária, as diferenças culturais, regionais e nacionais apresentam formas de viver individuais que refletem padrões de comportamento diferentes e que em muitas ocasiões podem produzir tensões e conflitos interculturais.

As políticas multiculturais se referem à constatação da existência de diversas culturas no mesmo espaço geográfico, entretanto não está preocupado com a interação entre estas culturas, aspecto que trata a interculturalidade. Paraquett (2010) cita o exemplo de cidades dos Estados Unidos, como Nova York, conhecida por ser a cidade mais democrática do mundo pela convivência de diferentes grupos sociais no mesmo espaço geográfico, porém estes grupos culturais estão separados por bairros e não possuem as mesmas condições de vida. Neste caso percebemos que “há a co-presença, há uma convivência aparente, mas não há a interdependência cultural, caracterizando-se, então, como um modelo de multiculturalismo” (PARAQUETT, 2010, p. 145).

A autora não se restringe ao exemplo norte-americano e faz uma comparação com a maior cidade da América Latina e de nosso país, São Paulo. Paraquett (2010) mostra preocupação no fato de que estejamos copiando esse modelo de “convivência”, onde se “escuta um discurso de integração que mascara a real des-integração dos grupos migratórios que para lá acorrem, sejam eles nacionais ou estrangeiros” (PARAQUETT, 2010, p. 145). Para ela deveríamos estar empenhados em promover o interculturalismo, fato que não está acontecendo. A possível solução seria juntar todos no mesmo lugar, oferecendo as mesmas oportunidades de crescimento, provocando a interdependência entre os diferentes grupos. Entretanto, para a autora, não é nada fácil assumir esta postura e este discurso “porque há outros elementos que colaboram para a des-integração cultural, sobretudo, o aspecto sócio-econômico” (PARAQUETT, 2010, p.145). Trazer esta discussão para o ensino de línguas estrangeiras é importante, pois como professores estamos tratando de aspectos culturais distintos e “falando do que acontece em outro lugar, sem nos darmos conta de que repetimos modelos que rejeitamos em nossos discursos” (PARAQUETT, 2010, p. 145).

Cada cidadão, onde quer que viva, forma parte de uma sociedade global e precisa se sentir protagonista e responsável junto com os outros e não se sentir excluído ou minorizado, sobretudo perante a diversidade crescente das sociedades atuais, caracterizada pelo encontro de pessoas e grupos que possuem diferentes visões, valores, crenças e identidades em um mesmo espaço geográfico. Para Mendes (2007, p. 121) “não há encontro entre culturas ou entre povos distintos sem que esteja presente uma intrincada rede de forças e tensões que são provenientes do embate de diferentes visões de mundo”. Dessa maneira uma das consequências deste encontro é o conflito, e o importante não é a diferença em si mesma, mas as formas que existem de conviver com elas.

O diálogo com a cultura local na Unidade Didática proposta

O fenômeno das migrações tem ocupado lugar de destaque no cenário mundial desde os primórdios de nossa civilização. Se pudesse estabelecer uma relação, diria que a história das civilizações começa com a história das migrações humanas, pois o homem, por diversas razões, precisou migrar de uma parte à outra e, conseqüentemente, criaram-se espaços cada vez mais multiétnicos, multiculturais e mestiços. No século XXI as migrações se acentuam, surgindo novos problemas e a necessidade de compreender as situações geradas de tal fenômeno.

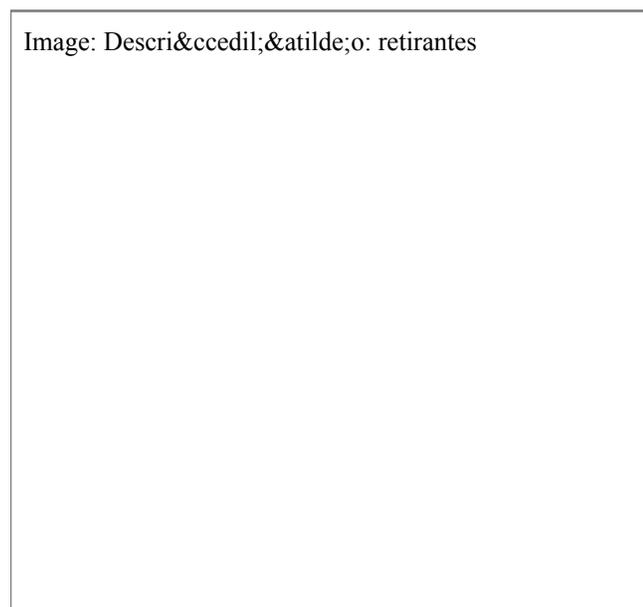
Desse mosaico cultural surgem muitos conflitos de ordem política, ideológica, religiosa, étnica, cultural, dentre outros, e nem todos estão preparados para viver neste ambiente multicultural que se estabelece na sociedade. Buezas (2003, p. 35) aponta que a escola possui um papel importante neste cenário:

Daí a necessidade de educar a todos na solidariedade e tolerância ativa, particularmente com os imigrantes. Mas para isso é necessário estarmos informados e conhecer o fenômeno da imigração nas suas dimensões reais, entender quais as razões pelas quais chegam à nossas fronteiras os imigrantes, como nós fomos anteriormente, avaliar os aspectos negativos que podem acarretar um fenômeno tão complexo como a emigração; e encontrar as mais adequadas fórmulas para conseguir uma pacífica e justa convivência entre todos, colocando esforço necessário de ambas as partes para consegui-lo.

O contexto que descrevo brevemente traz a inquietação sobre a capacidade das escolas em formar cidadãos capazes de viver em uma sociedade com estas características. Para que se ofereçam propostas de resistência à tendência ao individualismo e à exclusão dos mais desfavorecidos, é necessário que a perspectiva intercultural seja um elemento na luta contra uma escola e sociedade excludentes, nas quais estão incluídos os migrantes, seja de qual região se originem.

Partindo desta realidade, passo à análise de um recorte da Unidade Didática (UD) elaborada por uma das professoras em formação que atuou como participante da tese de Doutorado: *Formação intercultural de professores de espanhol: materiais didáticos e contexto sociocultural brasileiro*. A referida UD teve como temas as *migrações* e, neste trabalho, enfoco a categoria que analisou o confronto e diálogo com a cultura local.

Sobre esta temática, a professora em formação Alice relatou que em sua UD gostaria de trabalhar a exclusão sofrida por migrantes nordestinos em São Paulo e também os maiores problemas que enfrentam nas grandes cidades das regiões sudeste e sul do país. Um dos textos sugeridos para este tema foi a pintura 'Os retirantes' de Cândido Portinari^[2]:



Fonte: http://aulasprofgilberto.blogspot.com/2010_10_01_archive.htm
|

Com esta atitude, o material partiria de uma das realidades do Brasil, região de origem dos alunos (nordeste), para, a partir daí, iniciar a discussão sobre esta temática em nível mundial, dando voz a culturas geralmente silenciadas nos manuais didáticos disponíveis no mercado, além de introduzir um texto visual em sala de aula. Teixeira (2008) indica que a leitura de uma pintura ou fotografia deve ter como princípios, a contemplação e a concentração para o observador se submeter ao impacto das sensações. Ao mencionar esta pintura de Portinari, a autora aponta que:

Porque se desvia do que existe como dado, da semiótica natural e da semiótica da comunicação cotidiana, é que a pintura de Portinari, por exemplo, ao exagerar pés e mãos dos trabalhadores ou materializar geometricamente as lágrimas dos retirantes, cria uma nova linguagem que dramatiza e desestabiliza sentidos já garantidos. Essa nova linguagem é materializada em recursos de expressão próprios que atraem a atenção do observador, ainda que ele disso não tenha consciência e salte diretamente ao conteúdo, ao anedótico da pintura. (TEIXEIRA, 2008, p. 303)

Apesar do interesse demonstrado em agregar esta pintura à UD, Alice, em um dos encontros presenciais para a discussão das propostas, relatou que não iria mais utilizá-la por crer que estaria fora de contexto, pois acreditava que só seria possível se fosse feito um trabalho interdisciplinar com professores de história e arte. Isso me levou a pensar que a professora desconhece a possibilidade de trabalhar interdisciplinarmente dentro da sala de aula, sem a necessidade de uma integração maior com outras disciplinas escolares. Um de nossos documentos oficiais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), defendem o ensino de maneira interdisciplinar, através da integração dos temas transversais, quais sejam: ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e trabalho e consumo.

Esses temas não constituem disciplinas, mas discussões que permeiam diversas áreas do conhecimento de maneira transversal e atuam como um eixo para que se possa trabalhar contextualizadamente dentro de cada disciplina. Uma vez que a língua estrangeira possui uma função social na escola, é interessante que os professores saibam planejar suas aulas de forma que o significado seja construído e o aprendizado faça sentido, envolvendo principalmente questões da realidade dos alunos.

Alice não percebeu que, ao escolher trabalhar com pintura, é possível integrar as artes plásticas na aula de língua estrangeira e destacar o tema transversal da pluralidade cultural. Em um artigo sobre uma proposta de integração interdisciplinar com artes plásticas e ensino de línguas estrangeiras, Paraquett (2004) aponta que:

A construção da identidade de uma nação, como se sabe, se processa ao longo da sua história e, não poderia ser diferente, se manifesta através de linguagens. Não apenas da língua, mas através de outras manifestações culturais como são, por exemplo, as artes plásticas. Por isso, língua, cultura, história e artes plásticas são elementos indissociáveis na aula de LE. (PARAQUETT, 2004, p. 196)

Assim, Alice poderia ter trabalhado com esta linguagem em sua UD, usando o quadro de Portinari para levantar questões sobre a migração no Brasil e denunciar problemas sociais recorrentes em nosso país. Portinari expõe o sofrimento de muitos migrantes, representados imgeticamente por pessoas magérrimas cuja expressão transmite sentimentos de sofrimento devido à fome e miséria.

O quadro é de 1944, época em que muitos nordestinos migravam para o sul e sudeste do Brasil, em busca de trabalho e melhores condições de vida, onde podemos relacionar o nome do quadro – ‘*Os Retirantes*’ – aos brasileiros nordestinos que tiveram que abandonar sua terra para buscar uma vida melhor em outra região. Paraquett (2004, p. 197) argumenta que o uso da transversalidade como abordagem pedagógica:

[...] possibilita ao aluno uma visão ampla e consciente do mundo onde se insere, além de ser uma forma de questionar a alienação e o individualismo no conhecimento produzido pela escola.

Essa é uma maneira de se opor à fragmentação e à linearidade do currículo escolar, sendo possível relacionar questões de migração em nosso país e de outros lugares no mundo com a realidade dos alunos da escola, já que muitos passaram ou tiveram familiares, amigos ou conhecidos que, em algum momento de suas vidas, precisaram migrar, não somente por melhores condições de vida, como na obra de Portinari, mas por outros motivos diversos. Para Kleiman & Moraes (2007, p. 30) a leitura pode ser utilizada contra a fragmentação do saber, como uma atividade de integração de conhecimentos: “devido à abertura que o texto proporciona ao leitor para relacionar o assunto que está lendo a outros assuntos que já conhece, ela favorece, no plano individual, a articulação de diversos saberes”.

Essa abordagem oferece uma perspectiva intercultural para conhecer o outro, a nós mesmos e nossa comunidade melhor e entender aspectos históricos e fatos atuais. O professor tem função primordial nesse processo e pode fomentar a abertura à diversidade, pois ele será responsável por conduzir atividades para que os alunos, a partir de suas experiências, possam refletir sobre questões que marcam a sociedade e o encontro com o outro. Assim, Alice demonstrou, nesse aspecto, que acredita que o trabalho interdisciplinar só pode ser feito em interação com os outros professores e não percebeu o possível confronto que seria estabelecido dentro de sala de aula com a cultura do outro, partindo da sua própria. Trabalho este que enriqueceria e partiria do conhecimento de mundo dos alunos, valorizando fatos históricos na cultura local.

Foi aplicado também um questionário e ao ser perguntada se procurou incluir uma perspectiva intercultural em sua UD e comentar as estratégias, Alice respondeu que:

Sim, pois busquei trabalhar com textos provenientes de culturas diferentes, na tentativa de trabalhar questões não só culturais, mas também as sociais e as individuais dos alunos. Minha preocupação era sempre fazer com que o aluno conhecesse a situação do outro, para refletir sobre a sua própria condição.

A resposta revela que Alice, apesar de ter descartado outras formas de trabalhar, realmente tentou promover o confronto e diálogo com a cultura local, o que é confirmado em vários outros momentos do material e pelas discussões ocorridas nos encontros presenciais que tivemos, desde suas posturas até as opiniões levantadas.

Considerações finais

Os resultados alcançados apontam para a necessidade de fomentar desde o início da graduação o interesse pela pesquisa acadêmica através de projetos que envolvam os futuros professores com o cotidiano escolar, o que contribui significativamente para a melhoria de sua prática pedagógica. Entretanto, para que se realizem práticas pedagógicas visando perspectivas interculturais, é necessário, antes de tudo, conhecer a realidade cultural dos alunos com os quais se trabalha e, posteriormente elaborar um plano de curso que considere essa realidade, selecionando, produzindo materiais e pensando em estratégias de avaliação do processo (MENDES, 2007).

É na formação inicial que se deve refletir e teorizar sobre esas questões, pois se o próprio professor possui seus estereótipos do que é uma língua-cultura, como poderá trabalhar futuramente em aula para desconstruir as visões reducionistas de seus alunos e promover um verdadeiro diálogo intercultural?

Todos os professores, sejam universitários ou não, devem ser conscientes de seu papel na sociedade, de qual é seu papel político, para poder também exigir seus direitos e realizar um trabalho de qualidade dentro das universidades e escolas.

A questão intercultural está presente amplamente em nossa sociedade de maneira global e local, e o diálogo entre as culturas se faz necessário para a construção de uma sociedade menos conflituosa e mais aberta à diferença. Como educadora, entendo que o ensino não pode estar desvinculado da realidade social, cultural e política para que não ocorra a reprodução das desigualdades sociais e sejam possíveis mudanças onde não

exista a convivência pacífica entre as varias identidades através do diálogo entre culturas.

Referências

AGUILERA REIJA, Beatriz; GÓMEZ LARA, Juan; MOROLLÓN PARDO, Mar; VICENTE ABAD, Juan de. **Educación Intercultural. Análisis y resolución de conflictos**. Madrid: Catarata, 2009.

BERWIG, C. A. **Estereótipos culturais no ensino/ aprendizagem de português para estrangeiros**. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba: Paraná, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BUEZAS, Tomás Calvo. **La escuela ante la inmigración y el racismo: Orientaciones de educación intercultural**. Editorial Popular: Madrid, 2003.

GARCÍA MARTINÉZ, Alfonso; ESCARBAJAL FRUTOS, Andrés; ESCARBAJAL DE HARO, Andrés. **La interculturalidad. Desafío para la educación**. Madrid: Dykinson, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KLEIMAN, A. B.; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

LANDULFO, C. M. C. L. S. **Cultura de aprender: investigando as crenças e as ações dos alunos de língua italiana da UFBA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia: Instituto de Letras, 2012.

MENDES, Edleise. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **Linguística aplicada: múltiplos olhares**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PARAQUETT, Márcia. Uma integracao interdisplinar: artes plásticas e ensino de línguas estrangeiras. In: MOTA, K.; SHEYERL, D (Orgs.). **Recortes interculturais: na sala de aula de línguas estrangeiras**. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 195-222.

_____. **Linguística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano**. Revista Nebrija de Linguística Aplicada a la enseñanza de lenguas, V. 6, p. 01-23, 2009.

_____. **Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros**. In: COSTA, E. G. M e BARROS, C. S. Coleção explorando o ensino. Brasília: Ministério da Educação, 2010, p. 137-156.

SILVA, M. B. S. Novos horizontes no ensino de língua portuguesa: A formação do professor e o livro didático. In: MENDES, E; CASTRO, M. L. **Saberes em português: ensino e formação docente**. Campinas: Pontes, 2008.

TEIXEIRA, Lucia. Leitura de textos visuais: princípios metodológicos. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural**. São Paulo: EDUC, 2008. p.299-306.

[1] As crenças são (...) um componente do nosso viver ou da nossa cultura de viver. Elas são alimentadas por nossas experiências, pelo convívio com os familiares e com diferentes pessoas em diversos contextos. No processo de ensino/aprendizagem de línguas, as crenças fazem parte da nossa cultura de aprender, influenciando o nosso comportamento, as nossas atitudes e sugerindo as nossas ações, seja como aprendiz.

como professor, ou como outro agente que faça parte direta ou indiretamente do processo de ensino/aprendizagem, tais como a família, os autores de material didático, os diretores de escolas de idiomas, formadores de professores, entre outros. (LANDULFO, 2012, p. 72)

[2] Cândido Portinari foi um importante artista plástico brasileiro, nascido na cidade de São Paulo em 1903 e falecido em 1962. É considerado um dos artistas mais prestigiados do Brasil e foi o pintor brasileiro que alcançou a maior projeção internacional.

[i] Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Elaboração e Análise de Material Didático de Espanhol como Língua Estrangeira (GEMADELE). Email: profadoris_ufs@yahoo.com.br

Recebido em: 12/05/2014

Aprovado em: 12/05/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: